

## Tudo foi a gente indo atrás: histórias e memórias de uma moradora indígena sobre o Jangurussu

Marília Duarte Guimarães<sup>i</sup> 

Universidade Federal Do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Laís Regina de Oliveira Alves<sup>ii</sup> 

Secretaria Municipal de Educação, Fortaleza, CE, Brasil

1

### Resumo

Este trabalho apresenta a história do Jangurussu a partir das narrativas (auto)biográficas de uma moradora indígena do bairro. Diante do contexto de periferização em que foi urbanizada a cidade de Fortaleza, buscamos conhecer qual a história do Jangurussu, como se deu a ocupação desse espaço e qual a relação da moradora com o lugar em que vive. Para isso, utilizamos como método a História de Vida, a partir de uma abordagem qualitativa (MINAYO, 2001), tendo como fonte de produção de dados, narrativas (auto)biográficas (SOUZA, 2007) e (OLIVEIRA, 2005). Como resultados, apontamos que as narrativas resgatam histórias e memórias de uma mulher indígena em contexto urbano sobre a luta, a resistência, a solidariedade e o cuidado coletivo como marcadores da história do Jangurussu. Memórias que diante das contradições da urbanização, preservam práticas de mundo e ressaltam a potência inventiva do território.

**Palavras chave:** Narrativas (auto)biográficas. Mulher indígena. Jangurussu

### The crops of our struggle: histories and memories of an indigenous resident about Jangurussu

#### Abstract

This study presents the history of Jangurussu from the (auto)biographical narratives of an indigenous resident of the neighborhood. Given the context of peripherization in which the city of Fortaleza was urbanized, we sought to know the history of Jangurussu, how the occupation of that area took place and what the relationship of the resident is with the place where she lives. For that purpose, we used the Life History as a method to be applied, from a qualitative approach (MINAYO, 2001), utilizing (auto)biographical narratives as data production source (SOUZA, 2007) and (OLIVEIRA, 2005). As results, we point out that the narratives bring back histories and memories of an indigenous woman in the urban context about the struggle, resistance, solidarity and collective care that marked the history of Jangurussu. Memories that in the face of the contradictions of urbanization, maintain world practices and highlight the inventive power of the territory.

**Keywords:** (auto)Biographical narratives. Indigenous woman. Jangurussu.

## 1 Introdução

*Eu vou tirar uma história  
Lá do fundo do baú  
A cidade é Fortaleza  
O bairro é Jangurussu  
É no rumo de quem vai  
Lá pra Maracanaú*

(Pedro Anderson e Parayba Medeiros)

2

Neste trabalho, buscamos conhecer a história do Jangurussu, a partir das narrativas (auto)biográficas de uma moradora indígena. A pesquisa é parte da dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (PPGEB/UFC), que discute a identidade profissional de professoras do Jangurussu. A proposta foi conhecer a história desse local, a partir das narrativas de antigos moradores, busca que nos levou até Fátima Castro, uma referência do bairro, que guarda importantes memórias sobre a cultura local, recordações de quem viveu e vive até hoje as ruas de uma periferia de Fortaleza e acompanha suas pequenas e grandes mudanças desde a década de 1990.

O bairro Jangurussu fica na cidade de Fortaleza, à beira da estrada do Itaperi, *no rumo de quem vai pra Maracanaú*<sup>1</sup>, às margens do rio Cocó, fazendo limite com os bairros Messejana, Passaré, Pedras e Ancuri, na capital do Ceará. Falamos da unidade regional mais populosa de Fortaleza, região esta, composta por seis conjuntos habitacionais, que constituem o Grande Jangurussu: Maria Tomásia, Sítio São João, José Euclides, Santa Filomena, São Cristovão, Conjunto Palmeiras<sup>2</sup> I e II e João Paulo II (GUIMARÃES, 2018).

Esses conjuntos habitacionais foram planejados na ótica de urbanização que teve seu apogeu no modelo adotado pelo regime militar (1965-1985). Mas o processo de assentamento das populações que mais tarde dariam origem ao Jangurussu teve início quando o território recebeu as primeiras incursões organizadas para a Messejana. De acordo com o historiador Paulino Nogueira

---

<sup>1</sup> Trecho da música *Lobisomem do Jangurussu* de composição de Pedro Anderson e Parayba Medeiros.

<sup>2</sup> Embora o conjunto Palmeiras apareça como um conjunto habitacional, em sua origem ele se diferencia dos demais conjuntos citados, uma vez que não houve planejamento para esse local e o bairro foi construído pelas próprias mãos de seus moradores (MATIAS, 2019).

(1887), o bairro recebeu esse nome devido a um sítio de posse de Urbano de França Alencar, existente no início da povoação (nos séculos XVIII e XIX), chamado Jangurussu, que significa “onça grande” – deriva, originalmente, das palavras jaguar = onça + uçú = grande (NOGUEIRA, 1887).

Foi esse território que, em 1978, deu início ao funcionamento do aterro sanitário. O espaço abrigou, por quase duas décadas, centenas de pessoas, catadores e catadoras do lixo urbano, que tiravam dali seu sustento diário. O aterro sanitário do Jangurussu esteve oficialmente em atividade até 1986. Aproximadamente, nesse período, o aterro passou a funcionar como lixão de forma irregular, o que durou até 1998. Nesse período, o aterro chegou a atingir uma quota de lixo de quarenta metros de altura, empregando cerca de 1500 catadores, entre adultos e crianças, famílias que passaram a ocupar o entorno do lixão construindo suas casas. A ocupação desse espaço se deu também pelas migrações internas ocorridas no Ceará, que de acordo com Paulino (2020), formaram as favelas e bairros empobrecidos de Fortaleza. Com o Jangurussu não foi diferente, muitas famílias que hoje habitam esse local migraram das cidades do interior do estado para a capital, impulsionadas pelas condições climáticas do semiárido, associado à precariedade e insuficiência de políticas públicas capazes de manter as famílias de agricultores no interior. (PAULINO, 2020).

Diante desse contexto de periferização em que foi urbanizada a cidade de Fortaleza e diante da compreensão de Santos (1979), de que “a utilização do território pelo povo cria o espaço”, essa pesquisa tem como objetivo conhecer a história do espaço criado pelo povo do Jangurussu, visto que, a periferização, segundo Duarte (2007), diz respeito não somente à ocupação dos limites territoriais das grandes cidades, mas também reflete o processo de periferização socioeconômica e cultural, uma vez que os ocupantes de tais espaços também são impossibilitados de usufruir dos direitos da cidade em sua plenitude.

Questões que nos levaram a indagar sobre qual a história do Jangurussu a partir da memória de uma moradora indígena que vive no bairro há muitos anos? Que memórias têm essa moradora sobre a ocupação desse espaço? Qual a sua relação com o lugar em que vive? Buscamos refletir sobre essas questões,

considerando que existem outros narradores compondo as leituras de nossa história no mundo, sujeitos muitas vezes não considerados pela historiografia tradicional, mas que podem contribuir nos oferecendo outras fontes de conhecimento também legítimas de acessar estas experiências.

## 2 O caminho da pesquisa

4

Para responder a esse objetivo utilizamos como método de pesquisa a História de Vida. A pesquisa tem uma abordagem qualitativa (MINAYO, 2001) e utiliza como fonte de produção de dados, narrativas (auto)biográficas.

Perspectiva que se fundamenta na compreensão de que os sujeitos são seres de memória e reflexividade, que vivenciam experiências e, através das narrativas, significam e ressignificam suas práticas sociais (SOUZA, 2007).

Nessa compreensão, a narrativa (auto)biográfica recupera aspectos individuais de cada sujeito, “mas ao mesmo tempo ativa uma memória coletiva, pois, à medida que cada indivíduo conta a sua história, esta se mostra envolta em um contexto sócio-histórico que deve ser considerado” (OLIVEIRA, 2005, p. 94). Dessa forma, buscamos democratizar a memória individual e coletiva com “objetividade científica” (LE GOFF, 2003).

A entrevista foi realizada na Oca do São Cristóvão, no Jangurussu, local de trabalho e atuação social da moradora. Na ocasião, Dona Fátima falou sobre sua chegada ao bairro e narrou livremente histórias que viveu desde que chegou por lá até os dias de hoje. A entrevista temática foi gravada, transcrita, textualizada e validada pela moradora.

As narrativas foram analisadas a partir da análise de prosa proposta por André (1983). De acordo com a autora, a análise de prosa é considerada uma forma de investigação do significado dos dados qualitativos. É um meio de levantar questões sobre o conteúdo, em que no lugar de um sistema pré-especificado de categorias, tópicos e temas devem ser gerados a partir do exame dos dados e de sua contextualização no estudo e que esses devem ajudar a questionar

frequentemente as interpretações e oferecer indicativos de interpretações (ANDRÉ, 1983).

Com isso, destacamos que nossa intenção de conhecer essa história se contrapõe à perspectiva da colonialidade, em que a busca do conhecimento está a serviço da dominação. Perspectiva na qual o conhecer serve para oprimir melhor, para aperfeiçoar as formas de controle (QUIJANO, 2009). Ao contrário disso, nosso intuito em conhecer essa história pela ótica de uma moradora indígena é também reconhecer outro lugar de enunciação e entendimento do mundo, bem como visibilizar vozes apagadas pelo racismo epistêmico, reivindicando uma epistemologia da existência para povos originários que vivem em periferias urbanas e são sujeitos de saberes legítimos.

5

### 3 Trajetórias de vida e a história do Jangurussu

*O que a gente não escreve o tempo leva*  
Mãe Estella de Oxossi

Escrevemos a história de Fátima Castro, mulher indígena, militante de movimentos sociais e moradora do Jangurussu, com o intuito de registrar o que não pode se perder no tempo. Suas narrativas nos contam sobre o início da construção do bairro, as ocupações construídas pelos moradores que chegavam do interior do estado e o papel das lutas dos movimentos sociais na história e desenvolvimento do bairro.

Em sua chegada ao Jangurussu, Fátima recorda a pouca estrutura de iluminação e pavimentação das ruas, além dos materiais utilizados para construir sua primeira morada:

*Eu morava no João XXIII e eu vim para cá para esse bairro. [...] eu tinha uma filha que morava aqui no São Cristóvão e a gente morava em casa alugada e ela disse: - mãe, eu peguei um terreno para a senhora. E eu vim como se diz a história, sem eira e sem beira, só com a coragem, mas quando eu cheguei aqui que eu fui morar numa casa coberta com papelão e pedaços de madeira. [...] no início, não tinha ônibus para passar na porta, não tinha nem poste de luz, era tudo no escuro e hoje tem iluminação. [...] Naquela época, a gente nem se comunicava porque telefone pra conseguir*

*botar...meu Deus! Foi muito tempo! Ninguém tinha material bom, assim, as casas eram construídas como dava, as ruas não tinham asfalto nem calçamento, era barro mesmo. E como não tinha calçada, era muito comum a gente calçar saco plástico como sapato pra sair na rua. (FÁTIMA CASTRO, moradora do Jangurussu)*

6

De acordo com Dona Fátima, os conjuntos nos arredores do lixão que hoje formam o grande Jangurussu, foram ocupados por pessoas advindas do trabalho da reciclagem, como aconteceu com o conjunto São Cristóvão, bairro construído no projeto de Casas Populares do então Governo Fernando Collor de Melo (FÁTIMA CASTRO). Dona Fátima conta que as lagoas e áreas verdes do conjunto São Cristóvão, facilitaram a ocupação feita pelos moradores: “[...] Na construção do conjunto ficaram vielas, resto de terreno de conjunto e aí, no resto de vielas, as pessoas começaram a ocupar esses espaços”.

*Foi os passos mais bem dado da minha vida! Na época que eu cheguei aqui em 96, o bairro tinha sido entregue recentemente, já tinha o posto de saúde, já tinha o Colégio Melo Jaborandi, já tinha os fiéis [...]. Então as pessoas foram chegando e pouca gente morava no conjunto, muitas casas estavam fechadas e quando eu cheguei aqui, eu não fiquei parada no canto, eu comecei a me movimentar ...as primeiras pessoas que eu conheci foram as pessoas da Igreja Católica e a gente foi se ramificando, eu fui conhecendo o pessoal da associação do bairro que já estava se organizando, fui conhecendo o pessoal da Associação Mulheres em Movimento e aí a gente começou a buscar mesmo mecanismos pra melhorar o bairro, né? (FÁTIMA CASTRO, moradora do Jangurussu).*

Foi através da Igreja Católica, de movimentos de organização popular e de associações comunitárias, que Dona Fátima vislumbrou um caminho de mudanças e melhorias para o bairro:

*Eram trabalhadores e pessoas que acreditavam em outras possibilidades e num outro mundo, se mexiam, buscavam encontrar um meio para o bairro, para o bairro crescer... é uma prova que o São Cristóvão é um dos bairros daqui que mais cresceu, porque aqui tem pessoas que representavam os movimentos sociais. Olha, na época as casas aqui eram todas embriões e o que tinha de estrutura aqui... essa avenida central não tinha nada! Só eram as casinhas mesmo, tudo foi a gente indo atrás (FÁTIMA CASTRO, moradora do Jangurussu).*

Fátima destaca em sua fala a importância dos movimentos sociais para organização dos moradores que lutavam por condições mais dignas de sobreviver no local. Também reconhece o São Cristóvão como um dos conjuntos que mais teve melhoria, se comparado aos demais conjuntos do Jangurussu, graças às reivindicações dos moradores indo atrás dos seus direitos:

7

*Então, com o decorrer do tempo foi que as pessoas foram se articulando e foram conseguindo. Não tinha, em rua nenhuma não tinha asfalto, então as pessoas foram se organizando e lutando. Já quando foi em 2005, já com 9 anos do bairro, foi o ano que o bairro cresceu mais porque tinha um movimento chamado de orçamento participativo, era um movimento da prefeitura aqui, muitas pessoas foram delegadas desse orçamento participativo. Então, os delegados do orçamento participativo eram aquelas pessoas que estavam inseridos nos movimentos sociais buscando qualidade de vida para o bairro e a gente procurava participar de conselho do colégio, conselho do posto de saúde e nessa corrida toda tá o bairro que tá hoje né... com essa estrutura que a gente conseguiu melhoria para os colégios, a gente conseguiu o Cuca, a gente conseguiu a Oca, tudo isso através das lutas. (FÁTIMA CASTRO, moradora do Jangurussu).*

Outro fator apontado por Dona Fátima como mobilizador de melhorias para o bairro, foi o Orçamento Participativo, um plano orçamentário municipal implementado em Fortaleza em 2005, na primeira gestão de Luizianne Lins, plano que prioriza o debate público e a decisão popular sobre os investimentos realizados pela prefeitura. Foi a partir da construção da avenida central e da implantação de transporte público com o processo de urbanização, que outras relevantes transformações aconteceram, como a expansão do comércio, que tomou proporções significativas, inclusive, com o surgimento da feira do conjunto, comércio livre que movimentou o bairro e suas organizações. (FÁTIMA CASTRO, moradora do Jangurussu).

*A partir daí, cada ano vem crescendo né, temos casa lotérica, mercantil grande...veio muita coisa para cá. O Cuca, esse instrumento forte né, ou seja, têm muitos benefícios que tem aqui e nos bairros mais antigos não tem. A oca, por exemplo né, porque isso aqui é uma estrutura que a gente valoriza, é de grande valor né...Na época da construção da Oca esse terreno aqui foi uma dica que eu dei porque não tinha terreno, mas era pra ser construída aqui, entre Palmeiras, São Cristóvão e Filomena tinha que construir a Oca né, e aí na época eu morava aqui no bairro e aí eu indiquei esse terreno, esse terreno da prefeitura que era um terreno que não tinha*

*nem utilidade, era só para colocar lixo e era vizinho ao posto de saúde. Então, teve toda assim uma questão pra ser construída aqui. Então, o São Cristóvão hoje é um dos bairros que têm uma estrutura, tanto econômica quanto de população (FÁTIMA CASTRO, moradora do Jangurussu).*

8

Além do CUCA<sup>3</sup>, uma grande conquista para o bairro destacada por Fátima é a Oca de Saúde Comunitária. Espaço que dedica sua prática social há mais de dez anos. Dona Fátima conta que empreendeu muitos esforços para que a Oca fosse construída em seu conjunto, não só por ser uma mulher indígena e se tratar de um elemento que está intimamente relacionado com sua identidade, mas também por compreender que os serviços ofertados nesse equipamento são de extrema importância para o bem estar de todos:

*O caps<sup>4</sup> encaminha os pacientes pra cá, é um cuidado coletivo da saúde, tem individual e tem coletivo. E aqui a gente acolhe né, essas pessoas, enquanto os médicos cuidam da doença, a gente aqui acolhe e cuida do sofrimento dessas pessoas (FÁTIMA CASTRO, moradora do Jangurussu).*

Hoje, coordenada por Fátima Castro, a Oca oferece reiki, massoterapia, terapia comunitária e de autoestima, além de em alguns eventos, também contar com apresentação da dança do Toré e oficinas de artesanato indígena.

Apesar das melhorias, fruto de reivindicações dos moradores que se organizaram junto aos movimentos sociais no bairro, Dona Fátima relata que nem todos que chegaram ao conjunto São Cristóvão tiveram condições de ficar:

*Muitas pessoas que moravam no conjunto desistiram das suas casas porque não puderam pagar prestação... e conseguiram casas aqui ao redor, nas ocupações onde os terrenos foram sendo ocupados. As pessoas conseguiam terreno lá, faziam sua casa e pronto, não ia mais pagar nada. Então, tem pessoas que têm duas, três casas. Tudo casa melhor do que as do conjunto, lá dentro das ocupações (FÁTIMA CASTRO, moradora do Jangurussu).*

Fátima lembra que a solidariedade dos trabalhadores da escola Melo Jaborandi foi um apoio fundamental para a comunidade:

---

<sup>3</sup> Conjunto de complexos culturais, denominado de Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte.

<sup>4</sup> Centro de Atenção Psicossocial.

*No Melo Jaborandi que sempre foi um colégio muito organizado, não falando dos outros..., mas sempre tudo que o povo ia fazer de festa final de ano, de aniversário de tudo que acontecia na comunidade, a gente procurava o Melo.*

*Teve uma coordenadora lá um tempo, a Aparecida, que nessa época o pessoal que morava assim ao redor né, nas favelas, era uma dificuldade muito grande e eu não sei como foi que ela conseguiu, eu sei que todo dia à noite ela fazia merenda, ela fazia merenda sobrando assim três vezes a mais [...] aí o povo ia tudo com as panelas buscar comida lá pra comer, menino [...] Os meus meninos foram muitas vezes... (FÁTIMA CASTRO, moradora do Jangurussu)*

9

Muitos não tinham o que comer e dependiam da escola para se alimentar, inclusive, os filhos de Dona Fátima, que como ela lembra, foram muitas vezes alimentados graças a escola que atendia a comunidade. A moradora também conta que com o passar dos anos a relação das pessoas, em especial das crianças com a rua, mudou bastante:

*Cansei de vim de lá para cá e ninguém nem mexia, não tinha nem poste de luz, era tudo no escuro e hoje tem iluminação e as pessoas ainda têm mais medo de andar assim na rua, com medo...Naquela época, a gente nem se comunicava porque telefone pra conseguir botar...meu Deus! Foi muito tempo! (FÁTIMA CASTRO, moradora do Jangurussu).*

*Mas em relação às crianças de onde eu moro eu não acho que mudou assim, mesmo tendo a violência, mas assim, mas a gente conscientiza os pais a deixar as crianças [...] 5h 6h da tarde as crianças tudo presa? Não, não deve! Às vezes, passa uns doidim na moto, falta passar por cima, mas [...] eu lá no local que eu moro tem muita criança na rua ainda, eu brinco muito, eu faço brincadeira de roda (FÁTIMA CASTRO, moradora do Jangurussu).*

*Tão fazendo uma pracinha lá perto de casa e eu não tinha ido ainda, quando eu cheguei lá me encantei, porque tem um monte de criança [...] um pra cá, outro pra acolá, as mães nos banquinhos, então eu comecei a fazer um cordão de crianças, ficaram 11 crianças, menino, mas eu brinquei e me senti tão feliz, eu brinquei tanto com essas crianças! Eu rearticulo as brincadeiras com as crianças...eu quero tirar uns dois, três dias por semana para poder ir para lá. E assim, eu já tenho movimento com crianças lá onde eu moro na comunidade, então quando as crianças me veem elas já ficam tudo doida... Então, assim, é o meio da gente fazer voltar pelo menos um terço do que a gente fazia antes (FÁTIMA CASTRO, moradora do Jangurussu).*

Formas de estar e negociar o mundo em comunidade que Dona Fátima guarda na memória e revive com alegria, seja pelos que já passaram, pelos que ainda estão, mas também pelos muitos ainda que virão.

#### 4 Considerações finais

10

A partir das narrativas de Fátima Castro, buscamos conhecer a história do Jangurussu e a ocupação que se fez desse espaço por seus moradores. O contexto de periferização em que se desenvolveu o bairro desencadeou muitos problemas sociais de moradia e acesso a direitos básicos de seus moradores, mas essa não é a única história do Jangurussu.

As narrativas (auto)biográficas de Dona Fátima revelam através, de história de vida, histórias do bairro, saberes e fazeres dos sujeitos que viveram e vivem no Jangurussu, visto que suas histórias são entendidas como elementos que nos permitem compreender também a funcionalização do mundo a partir de um espaço periférico, e como diz Paulino (2020), possibilitam fazer o caminho entre o ser e o existir desses moradores.

Como resultados, apontamos que as narrativas de Dona Fátima possibilitaram, através da memória de uma mulher indígena, visibilizar a história de um bairro que tem a luta, a resistência, a solidariedade e o cuidado coletivo como marcadores de sua história. Práticas de mundo que privilegiam a rua como produtora da cultura infantil e memórias que ressaltam a potência inventiva do território, diante das contradições da urbanização e que rompem com o cárcere da identidade territorial do Jangurussu, reduzindo-o a um lixão.

#### Referências

ANDRÉ. M. E. D A. Texto, contexto e significados: algumas questões na análise de dados qualitativos. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n.45. p. 66-71, maio 1983.

DUARTE, F. **Planejamento Urbano**. Curitiba: IBPEX, 2007.

GUIMARÃES, Marília Duarte. **A identidade profissional de professoras da Educação Básica**: sentidos e significados atribuídos à docência - UFC. 2018. 107f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2018.

LE GOFF, J. **História e memória**. 5.ed. Campinas: Unicamp, 2003.

MATIAS, Emanuela Ferreira. **Deus Criou o Mundo e Nos Construimos o Conjunto Palmeiras**: Quilombismo Urbano de Populações Afrodescendentes em Fortaleza- Ceará. 2019. 127f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza(CE), 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social - Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NOGUEIRA, P. Vocabulário indígena em uso na Província do Ceará, com explicações etymologicas, orthographicas, topographicas, históricas, therapeutica, etc. **Revista Trimensal do Instituto do Ceará**, Fortaleza, 1887.

OLIVEIRA, Valeska. Fortes. Educação, memória e histórias de vida: usos da história oral. **História oral**. Recife, v. 8, n. 1, p. 92-106. jan./jun. 2005.

PAULINO, Antônio George Lopes. Entre o Diálogo e a resistência: o movimento social de bairro no Conjunto Palmeiras, em Fortaleza (CE). **Caderno CRH [online]**. 2019, v. 32, n. 87. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v32i87.25807>. Acesso em: 17 fev. 2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Souza e MENEZES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, M. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SILVA, Pedro Henrique. “O que a gente não escreve o tempo leva” – Crítica. Literafro – o portal da literatura afro-brasileira; outubro/2017. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/>. 17 fev. 2020.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, AD., and HETKOWSKI, TM. (orgs). **Memória e formação de professores..** Salvador: EDUFBA, 2007.

---

<sup>i</sup> Marília Duarte Guimarães, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6808-1570>

---

Doutoranda e Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Possui graduação em pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Membro do Grupo de pesquisa Formação Docente, História e Política Educacional (GPFOHPE/UFC) e do grupo Educação, Cultura Escolar e Sociedade (EDUCAS/UECE).

Contribuição de autoria: autoria principal.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9339328106325165>

E-mail: [mariliaguimaraes.trab@hotmail.com](mailto:mariliaguimaraes.trab@hotmail.com)

ii **Laís Regina de Oliveira Alves**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2033-824X>

Secretaria Municipal de Educação

Possui graduação em pedagogia e especialização em Gestão Escolar pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora da Educação Básica do Município de Fortaleza (SME/FORTALEZA).

Contribuição de autoria: co-autora.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5325302490666201>

E-mail: [lais.regina89@gmail.com](mailto:lais.regina89@gmail.com)

**Editora responsável:** Karla Colares Vasconcelos

**Como citar este artigo (ABNT):**

GUIMARÃES, Marília Duarte; ALVES, Laís Regina de Oliveira. Tudo foi a gente indo atrás: histórias e memórias de uma moradora indígena sobre o Jangurussu. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-12, 2021.